

crises do século

ESTUDOS DO SÉCULO

XX

número 10 • 2010

Oliveira Salazar foi apoiada pelos vários sectores sociopolíticos e respondeu às necessidades e aos projectos das elites portuguesas. O mérito deste estudo está sobretudo na forma crítica como reflecte sobre o papel dos intelectuais portugueses, que dominam o contexto cultural, durante o período conturbado, a nível nacional e internacional, dos anos trinta. Durante esta época ocorreram debates na cultura portuguesa sobre movimentos intelectuais e a emergência de novas ideologias políticas e culturais. Mas, as publicações de carácter literário de maior circulação, entre os estratos superiores da sociedade, arredaram-se dessas questões, reflectindo essencialmente sobre a crise da intelectualidade e da cultura em Portugal.

O estudo em análise, que se situa na dimensão da História Intelectual e Cultural, privilegiou como método científico a análise do discurso. Neste sentido, o autor recolheu e analisou discursos publicados, entre 1933 e 1943, por figuras que usufruíam de visibilidade do meio cultural como Agostinho de Campos, Cruz de Malpique, Emílio Costa, Fidelino de Figueiredo e José Bacelar, colocando desta forma no centro da reflexão alguns dos indivíduos que se destacavam e dominavam e o panorama cultural da época.

Esta publicação poderá ser de grande interesse, essencialmente, para um público académico, constituído por estudantes e investigadores, que desenvolvam trabalhos científicos sobre as seguintes temáticas: intelectuais, cultura, literatura e salazarismo.

Eliana Brites Rosa
Doutoranda da Faculdade de
Geografia e História da Universidade de
Santiago de Compostela/CITCEM

ÁLVARES, Pedro – *O Tratado de Lisboa e o Futuro da Europa*. Lisboa: Comissão Europeia, Maio de 2009.

Pela sua actualidade temática e publicação recente, esta obra é fundamental para divulgar um estudo de um especialista na área, Pedro Álvares, que, para além de mostrar a novidade do *Tratado de Lisboa*, reflecte, também, sobre o futuro da Europa.

Trata-se de um autor que se associa imediatamente aos estudos na área, pelas relevantes obras já publicadas, entre as quais são de destacar *A Europa e o Mundo*, *Os Caminhos do Futuro*, Maastricht. *A Europa e o Futuro*, ou, sobre Portugal, a clássica e incontornável obra *Portugal na CEE*. Tendo sido conselheiro técnico principal na representação de Portugal junto das Comunidades Europeias, e um dos negociadores do Uruguai Round, os seus escritos conciliam a experiência na área com uma profunda reflexão crítica.

Este estudo surgiu na sequência de um concurso promovido pelo *Centro de Informação Jacques Delors* (CIEJD) para a criação e publicação de uma obra sobre o Tratado de Lisboa e o Futuro da União Europeia, para divulgação a mais alargada possível, junto dos cidadãos portugueses a partir de uma distribuição a todas as bibliotecas públicas do país, a propósito da celebração do Dia da Europa. Daí estar sob a chancela de uma empresa gestora de conteúdos e eventos culturais, *Tribuna da Memória Multimédia*, Lda. (TMM), em parceria com a editora *Edeline*.

Para além de pretender pôr em prática a ideia de uma «Europa dos Cidadãos», ou, mais realisticamente, aproximar os cidadãos dessa desconhecida Europa, e nesse sentido, ser considerada de interesse público, Pedro Álvares vem «desmistificar» a ideia de que os assuntos

Europeus pertencem, apenas, a políticos ou académicos credenciados. Esta obra, para além da autoria do especialista e professor universitário, está associada ao *Centro de História Contemporânea e Relações Internacionais* (CHRIS), no âmbito da sua área de estudos europeus, mostrando a possibilidade de divulgar o processo de construção europeia de forma séria, mas acessível a todos.

Na introdução, Pedro Álvares esboça o longo caminho percorrido nos 50 Anos passados de construção europeia, e como o Tratado de Lisboa é «caracterizado pela reflexão, debate e procura de consensos» (p. 3). Apesar das dificuldades próprias de todos os percursos, «este Tratado exemplifica uma vez mais o desafio de um caminho percorrido em conjunto, e que com altos e baixos, com avanços e recuos, se tem realizado ao longo de uma história tão rica como tem sido a da construção europeia» (p. 3). Uma história de guerras e de paz, sobretudo a lição aprendida da necessidade de preservar a paz entre as nações da Europa. E também a recebida de Jean Monnet e de Robert Schuman, figuras sempre actuais e inspiradoras, pela sua visão de que a Europa não poderia construir-se de uma só vez, ou, que o seu progresso seria pelo «método dos pequenos passos». Pequenos e, muitas vezes, feitos de recuos, mas, afinal, necessários à sua construção. A uma Europa «fortaleza», Pedro Álvares prefere uma ideia de abertura, confirmada pelos sucessivos alargamentos que a sua história tem registado. Muito para além das políticas comunitárias e dos marcos assinalados com os tratados, que o autor consegue explicar aos potenciais leitores, a ideia fundamental é mostrar que este passado cinquentenário da Construção Europeia, justifica o presente e desafia o futuro da União Europeia.

Revisitar a história da Construção Europeia serviu para mostrar o que o Projecto de Constituição e o Tratado de Lisboa trouxeram de novo a esse processo europeu, tema da primeira parte da obra. Nem sempre tem sido possível conciliar o progresso em algumas áreas, bem visíveis em Maastricht, com o aprofundamento que resultou num Projecto de Constituição, cuja ratificação seria recusada em referendo pela França e Holanda. É neste contexto que se debateu o problema, ainda actual, sobre as motivações dos eleitores, em particular, e dos europeus, em geral. É também por isso mesmo pertinente a motivação e objectivo desta obra, parecendo-nos querer responder ao problema da indiferença e/ou desconhecimento dos europeus, também portugueses, em relação à Europa.

A Europa não podia parar, e a solução encontrada seria no Conselho Europeu de Junho de 2007, conferindo à Futura Presidência Portuguesa a tarefa de elaborar um Tratado Reformador. Os passos são sucinta e claramente explicados por Pedro Álvares, e mostram a necessidade de um tratado menos ambicioso, mas que respondesse aos desafios europeus presentes. Desafios estes, bem diferentes daqueles vividos por Jean Monnet e Robert Schuman, ou por todos os historicamente designados por «pais da Europa». Na época, para salvaguardar a paz entre os estados, numa adesão livre a um projecto comum, conduzido pela ideia de abertura a uma clara unidade europeia.

Como refere Pedro Álvares, «Ao falar da sua concepção sobre o futuro da Europa, Jean Monnet tinha em mente, de maneira muito clara, a ideia de uma comunidade de destino. Esta poderia resultar, simultaneamente, do melhor e do pior realizado e pensado pelos povos e políticos europeus neste pequeno continente que tinha visto nascer filósofos, artistas e poetas, mas,

também, todos aqueles que na destruição do *outro* tinham pensado encontrar a sua mais completa e suprema forma de realização» (p. 25). A interessante ideia de comunidade de destino permanece actual, mas os membros da comunidade e as circunstâncias históricas alteraram-se profundamente: «O projecto de Jean Monnet e Robert Schuman não tinha sido concebido para responder a qualquer ameaça externa, para a qual existiam outros dispositivos e se contava com a participação dos Estados Unidos, mas sim para pôr um termo às querelas intra-europeias e aos jogos de influência dos Estados-Membros mais poderosos, entre eles e com o exterior, nomeadamente também no quadro da política colonial» (p. 26).

E assim chegamos à segunda e última parte da Europa, ligando o Tratado de Lisboa ao Futuro da Europa, em jeito de conclusão e na convicção de que as «crises» são sinais de mudança e, por isso, vitais ao crescimento, também, europeu. A esse propósito é interessante ler o autor: «Uma crise é o primeiro sintoma de uma mudança, o sinal de que os equilíbrios automáticos que permitiam uma evolução normal da economia e da sociedade deixaram de ter lugar. É também um desafio: o de conseguirmos encontrar os meios de intervenção que permitam corrigir os desvios sem destruir os fundamentos» (p. 32).

O Tratado de Lisboa e o Futuro da Europa descreve de uma forma clara e sucinta, mas com o devido rigor, as questões fundamentais da actualidade europeia e os desafios que se colocam no presente ao processo da construção europeia, muito particularmente tendo como ponto de partida o Projecto de Constituição, e de chegada o Tratado de Lisboa. A oportunidade desta obra ganha, ainda, novo fôlego depois de 1 de Dezembro de 2009, data

histórica para a Construção Europeia, que parece responder à reflexão do autor sobre o Futuro da Europa. Afinal, a Europa tem futuro, ou, pelo menos, o presente mostra que a assinatura do Tratado de Lisboa foi uma resposta a esse futuro sempre (in) certo.

Num rasgo de optimismo, o autor faz um balanço entre o sonho dos fundadores e a realidade europeia: «Tudo isto, quase totalmente realizado hoje, em termos formais, faz parte daquilo que era ainda não há muito o *futuro* de Jean Monnet, desejado por todos os *Pais da Europa* fossem eles Robert Schuman, Konrad Adenauer, Paul-Henri Spaak ou Alcide Gasperi. Desejando, mas talvez difícil de prever a um ritmo tão rápido» (p. 26). O espírito visionário concretizara-se: «Mas em tudo isto, *o futuro de Jean Monnet* revelou-se fecundo e mantém-se ainda promissor. Verificou-se, assim, que era ele que tinha razão» (p. 27). A Crise da Europa foi, desta forma, e mais uma vez, como todas as crises, essencial para perspectivar o seu futuro.

Isabel Baltazar

Bolseira de Pós-Doutoramento da FCT/CEIS20

CHABAN, Natalia, HOLLAND, Martin and RYAN, Peter [eds.] – *The EU through the Eyes of Asia. Volume II: New Cases, New Findings*. Singapore: World Scientific Publishing, 2009. ISBN 9814289817

O gradual estreitamento de relações entre a União Europeia (UE) e a Ásia, que actualmente coloca sérios desafios à Política Externa comunitária, tem vindo a motivar um leque de trabalhos académi-